



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Movimentos Migratórios como Dilema Contemporâneo:

o Papel da Mulher em Cidades Pequenas e Médias no Brasil
Silvia Aparecida de Sousa Fernandes

Como citar: FERNANDES, S. A. de S. Movimentos Migratórios como Dilema Contemporâneo: o Papel da Mulher em Cidades Pequenas e Médias no Brasil. *In:* CORSI, F. L.; CAMARGO, J. M.; SANTOS, A. (org.). **Os dilemas atuais do Brasil e da América Latina**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016. p. 135-144. DOI: <https://doi.org/10.36311/2016.978-85-7983-815-6.p135-144>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS COMO DILEMA CONTEMPORÂNEO: O PAPEL DA MULHER EM CIDADES PEQUENAS E MÉDIAS NO BRASIL

Silvia Aparecida de Sousa FERNANDES

INTRODUÇÃO

Entre os dilemas históricos da América Latina estão os processos migratórios. Os movimentos migratórios são investigados por pesquisadores de diferentes campos do conhecimento nas Ciências Humanas: as Ciências Sociais, Geografia, Demografia, Economia e História se debruçam sobre este objeto de estudo. Os deslocamentos internos ao país, os fluxos internacionais, seus fatores e as condições de vida do migrante são temas amplamente considerados nas análises. Contudo, são poucos os trabalhos que abordam a condição da mulher migrante ou que destacam a questão de gênero na análise. Refletir sobre os processos migratórios na contemporaneidade e sobre os dilemas da América Latina implica reconhecer as diferenças de culturais, de gênero e de trabalho. E o objetivo deste trabalho é discutir o papel da mulher migrante no interior do estado de São Paulo, mais particularmente na região de Ribeirão Preto, no contexto do mundo do trabalho e das relações sociais que estabelece com seu grupo. Analisa-se o perfil da migrante e as relações que estabelece no lugar de chegada, no lugar de trabalho e nas relações de vizinhança no bairro de residência. Muitas vezes esses lugares de reprodução da vida são distintos e exigem o exercício de diferentes papéis e funções sociais. Para isso toma-se como referência pesquisa de campo realizada em um bairro do município de Serrana-SP, em comparação com dados de migração no Estado de São Paulo e no Brasil. Para elaboração desse texto, foi realizada revisão da literatura e análise de dados de pesquisas divulgadas pela Associação Brasileira de

Estudos Populacionais (ABEP); Núcleo de Estudos Populacionais (NEPO) da Unicamp; Fundação Sistema Econômico de Análise de Dados Estatísticos (SEADE) e Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O texto apresenta inicialmente o panorama da migração interna no Brasil no século XX e os aportes teóricos que auxiliarão a análise. Em seguida, identifica o perfil do migrante na cidade de Serrana e discute a condição da mulher como migrante e os papéis sociais a ela atribuídos.

BREVE HISTÓRICO DA MIGRAÇÃO NO BRASIL

Historicamente, há no Brasil um intenso processo migratório, seja interno ou externo. Até as primeiras décadas do século XX, predominaram os fluxos internacionais, tendo os países europeus como origem e a cidade de São Paulo, como destino predominante. Vários autores, dentre eles Cano (1981), Ribeiro e Silva (2005) apontam a importância dos imigrantes italianos, espanhóis e portugueses na substituição da mão-de-obra escrava nas lavouras cafeeiras do interior do Estado de São Paulo e no processo de concentração industrial na cidade de São Paulo.

As migrações internacionais declinaram no intervalo entre as duas grandes guerras, em consequência das restrições estabelecidas pelos países de origem. [...] As primeiras restrições à imigração estrangeira surgiram, no Brasil, a partir de 1930, culminando com a fixação de cotas pelas Constituições de 1934 e 1937. (PACHECO; PATARRA, 1997, p. 451)

A partir de 1930, intensificaram-se os fluxos migratórios internos, devido às mudanças econômicas, sociais e políticas que o país viveu no período, relegando a um segundo plano as migrações internacionais. Num primeiro momento, dirigiram-se preponderantemente para São Paulo, cujo crescimento industrial e expansão da agricultura serviram como fatores de atração populacional. Esse fluxo mantém-se hegemônico até a década de 60, quando outros núcleos de origem e destino passam a ser significativos. SANTOS (1994) analisou os dados do Censo demográfico de 1970, 1980 e 1991 e identificou mudanças nas principais áreas de origem e destino de migrantes no Brasil no período. A autora afirma que o Nordeste continua sendo a principal área de “expulsão” populacional, em especial de trabalhadores rurais que buscam trabalho em outras regiões do país. Contudo, além

do destino a São Paulo, os estados da região Norte, notadamente Rondônia, Roraima, Pará e Tocantins, também se transformaram em promissores destinos migratórios. Os estados da região Norte e Centro-Oeste também são os locais procurados pelos emigrantes das regiões Sul e Sudeste, responsáveis por novos núcleos de colonização e expansão agrícola nessas regiões.

A partir da década de 1980 é possível identificar também a migração de retorno dos nordestinos provenientes principalmente da região Sudeste para as capitais nordestinas, em especial Fortaleza/CE, Salvador/BA, Recife/PE e Natal/RN (RIBEIRO; SILVA, 2005).

They e Mello (2008, p. 1004) ao analisar a importância das migrações apresentam três critérios para análise dos fluxos migratórios: os saldos migratórios, os deslocamentos de longa distância e a proporção dos migrantes na composição da população. Com base nos dados do Censo Demográfico e Contagem de População, os autores analisaram o saldo migratório para os períodos 1970-1980 e 1991-1996 nos 27 estados brasileiros e concluem que é possível identificar uma reorientação dos fluxos migratórios no período analisado. Enquanto no primeiro período é intensa a busca pelo estado de São Paulo por mineiros, baianos, pernambucanos e paranaenses, no segundo período os fluxos são menos evidentes e caracterizados por deslocamentos de curta distância entre os estados vizinhos. Mas quando observam os números absolutos de migração por estado, constatam que o Estado de São Paulo continua sendo o que acolhe maior número de migrantes, com 2,5 milhões de pessoas em 2000.

Ao analisar as tendências dos fluxos migratórios internos no Brasil, com base nos dados do Censo Demográfico de 1991 e de Contagem Populacional do IBGE para o ano de 1996, Ribeiro e Silva (2005) confirmam a tendência de que os estados nordestinos configuram-se como áreas de expulsão populacional, principalmente de trabalhadores com baixa qualificação e desempregados. Enquanto Maranhão, Bahia e Pernambuco, constituem-se as principais áreas de origem dos migrantes, São Paulo, Goiás, Distrito Federal, Espírito Santo e Pará configuram-se como os principais destinos dos fluxos migratórios. Nos estados da região Sudeste, as principais áreas de atração populacional são as regiões metropolitanas e municípios ao entorno das mesmas. Ainda assim, os autores identificam como destino dos fluxos migratórios as cidades do interior paulista e mineiro:

Em se tratando dos municípios com sedes de porte médio, cumpre destacar aqueles localizados no interior paulista, seguindo principalmente o eixo Campinas-Ribeirão Preto, decorrentes do processo de descentralização industrial, além da oferta de trabalho no setor de serviços; e o Triângulo Mineiro, especialmente Uberlândia e Uberaba, com atividades agroindustriais atuando como fator importante no direcionamento dos deslocamentos populacionais. (RIBEIRO; SILVA, 2005, p. 413)

Como apontado pelos autores, a procura por esses destinos migratórios ocorre devido à oferta no mercado de trabalho. São regiões de intensa atividade agroindustrial, o que permite a ocupação de trabalhadores com baixa qualificação técnica e/ou escolarização.

Além disso, é possível apontar como outro fator de atração para a região, a existência de redes sociais de migrantes, tal como apresentado por Haesbaert (2004; 2005). As redes permitem não somente a ocupação funcional mais rápida, como também servem como fator de ressocialização e reterritorialização do migrante.

[...] a característica mais importante das redes é seu efeito concomitantemente territorializador e desterritorializador, o que faz com que os fluxos que por elas circulam tenham um efeito que pode ser ora de sustentação, mais “interno” ou “construtor de territórios”, ora de desestruturação, mais “externo” ou desarticulador de territórios. Assim, as redes são mais ou menos desterritorializadoras, dependendo de diversos fatores, incluindo seu caráter estratégico-funcional ou simbólico-expressivo – pois territorializar-se é sempre uma conjugação (diferenciada) entre função e símbolo, ação concreta e valorização simbólica (HAESBAERT, 2004, p. 294).

As redes sociais são, portanto, um importante fator na definição dos destinos dos grupos migratórios, uma vez que a presença de um grupo de iguais pode auxiliar o estabelecimento do migrante no local de destino, propiciando menor impacto durante o período de adaptação e oferecendo informações que podem facilitar a inserção no mercado de trabalho. Nessa mesma perspectiva Salles et al, (2013) apresentam uma coletânea em, que o tema é discutido a partir de estudos migratórios nacionais e institucionais em São Paulo.

Como abordaremos no próximo item, na região de Ribeirão Preto e em Serrana, em particular, consideramos que ambos os fatores contribuem para a formação do fluxo migratório observado.

PERFIL DA MULHER MIGRANTE

Para discutir o papel da mulher migrante na agroindústria canavieira, nos pautamos nos dados apresentados por Nogueira (2009). A pesquisa realizada por esta autora, contou com coleta de dados por meio da aplicação de questionários que visavam identificar o perfil do migrante, local de trabalho e tempo de residência no município de Serrana, interior do estado de São Paulo. Foram aplicados 38 questionários entre os moradores do bairro Chavans, tradicionalmente ocupado por migrantes naquela cidade. O critério de seleção foi a abordagem de uma a cada três residências do bairro, seguindo os procedimentos de definição de amostragem sistemática, conforme apontado por Gil (1991). Sempre que identificado como migrante, o residente abordado passava a responder às questões.

Do total de sujeitos participantes da pesquisa, destaca-se o número de mulheres 66% (27 em número absoluto), sendo 34% homens (13 em número absoluto). Quanto à idade, vale destacar que 37% têm entre 21 e 30 anos, 21% entre 31 e 40 anos e 21% entre 51 e 60 anos. Isso representa que 97%, ou seja, 37 entrevistados estão na faixa designada de População Economicamente Ativa. São, portanto, pessoas aptas a inserir-se no mundo do trabalho, que já exercem ou podem exercer funções economicamente produtivas.

Essas mulheres e homens migrantes residem no município de Serrana há pelo menos dois anos ou mais, sendo assim distribuídos: 5% residem há menos de 2 anos no município, 8% residem na cidade entre 2 a 5 anos, 16% entre 5 anos e 1 mês a 10 anos e a grande maioria, 71%, residem há mais de 10 anos em Serrana.

Quanto perguntado sobre o município de origem, o que se destaca é Montalvânia, em Minas Gerais, com 54% (21 sujeitos). Além de Montalvânia, destacam-se outros três municípios com participação percentual bem menos significativa: São Raimundo Nonato/PI, Cocos/BA e Surubins/PE, que são municípios de origem de dois entrevistados (5%). Os demais municípios citados, com ocorrência de um sujeito (3%) são: Feira

de Santana e Coribe/BA, Canto do Buriti/PI, Fortaleza/CE, Arapiraca/AL, Ribeirão Preto, Porto Ferreira, Sertãozinho, Cravinhos, Igarapava e São Caetano/SP. Nota-se que são oito municípios da região Nordeste do país, que totalizam 27% dos entrevistados e sete municípios da região Sudeste, com 73%, com destacada participação de Montalvânia/MG e dos municípios do interior do estado de São Paulo, mais especificamente da região de Ribeirão Preto, onde se localiza o município de Serrana.

Esses dados corroboram as afirmações feitas por Haesbaert (2005) que, ao analisar a dinâmica migratória, aponta para a formação de redes regionais de migração no interior dos estados nacionais, que permite a reterritorialização do migrante ao novo território. Para este autor, a desterritorialização vivida pelo migrante ao sair de seu local de origem, se reconfigura ao encontrar no novo território grupos identitários, num movimento de reterritorialização ou de reconquista da identidade, consolidando as redes regionais de migração.

O autor destaca que a força identitária mantida entre os grupos de migrantes é um dos principais fatores responsáveis pela manutenção da coesão do grupo, quando longe de seu território de origem (HAESBAERT, 2005, p. 40). No caso do grupo de migrantes em estudo neste texto, é possível afirmar que, a despeito da mesma região de origem, a desterritorialização dos migrantes no município de Serrana é mais nítida do que o processo de reterritorialização, na medida em que o migrante procura não revelar a sua região de origem ou tem “vergonha” de manifestar a sua identidade regional, como apontado por Nogueira (2009, p. 30).

A pesquisa de campo revelou que a maioria dos migrantes que moram no bairro Chavans são mineiros, do município de Montalvânia, predominantemente. Esse dado nos chamou atenção, pois no cotidiano, os moradores quando abordados, não gostam de ser identificados como sendo de Montalvânia. Percebeu-se também que trabalham em usinas, no corte da cana de açúcar e em outras funções de menor qualificação e pouca remuneração.

Os dados apresentados por Nogueira (2009) ainda permitem a discussão sobre a inserção no mundo do trabalho. 71% afirmam que exercem atividades remuneradas e quando perguntado sobre o local de trabalho, as respostas remeteram a um conjunto de atividades econômicas que

exigem baixa qualificação como empregada doméstica (19%, 5 pessoas em número absoluto); usinas (29%, 8 pessoas em número absoluto); comércio (19%, 5 pessoas); indústrias (11%, 3 pessoas). Dentre as atividades de comércio, foram citados o trabalho em bares, lojas diversas e farmácia. O trabalho nas usinas corresponde ao trabalho no corte de cana-de-açúcar ou em atividades como copeira, faxineira. As atividades de serviço foram pouco representativas, apenas uma afirmou trabalhar em uma creche (4%); uma no setor de saúde (4%) e duas no setor de transportes (7%).

A questão que mais chama a atenção no que se refere à migração feminina corresponde aos motivos que levam à migração. Quando perguntado sobre os motivos da migração, Nogueira (2009, p. 29) afirma:

[...] muitos disseram que vieram à procura de serviços e uma vida melhor, chegando a Serrana, foram trabalhar na Usina da Pedra e Usina Nova União. Outros, devido ao pai já estar trabalhando nas usinas, vieram também, escolhendo Serrana por ser uma cidade tranquila. [...] algumas mulheres vieram devido aos esposos já estarem com emprego fixo, outros por causa de parentes e conhecidos já estarem morando na cidade. Os questionários mostraram que os migrantes vêm até mesmo para acompanhar a mãe em tratamentos médicos e acabam ficando, vendendo o seu pedaço de terra no seu lugar de origem e se fixando no município. Um dos entrevistados relatou que veio para Serrana devido ao irmão ter sofrido um acidente, e no local de origem não haver recursos próximos para cuidado.

Nota-se que são diversos os motivos que levaram os moradores do bairro Chavans a migrar. Contudo, a nosso ver, todas as respostas podem ser reunidas em dois grupos: a) os que vieram por motivos econômico-financeiros e procuraram Serrana devido à rede social já existente na cidade e à oferta de empregos; b) os que acompanharam familiares já instalados na cidade ou que vieram juntos para se fixar com eles em um novo município de domicílio. Neste segundo grupo destacam-se as mulheres que acompanham seus maridos.

Quando se compara o percentual de mulheres (66%) e casados (71%) que responderam ao questionário com as profissões exercidas como domésticas (19%) ou no trabalho na agroindústria canavieira (29%), fica evidente que além de não terem autonomia na definição do local de migração, as mulheres são obrigadas a inserir-se no mercado de trabalho no local de destino para ajudar na composição da renda familiar, embora não sejam elas próprias chefes de família.

Fusco (1999, p. 337) em pesquisa realizada sobre migração internacional, identificou diferença significativa nas razões que levam mulheres e homens a migrar para outro país. Na análise dos dados sobre migração da cidade de Governador Valadares para Boston, nos EUA, o autor constatou que “Os motivos de trabalho representam 90,5% para os homens e 66,8% para as mulheres. Em contrapartida, se o motivo “acompanhar a família” representa a opção de apenas 2,6% dos homens, tem para as mulheres o peso proporcional de 19,8%”.

Em pesquisa sobre os condicionantes da migração interna nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Pernambuco, com base nos dados do Censo demográfico de 1991, Chaves (2005, p. 5) identificou que a migração feminina ocorre predominantemente entre casadas e solteiras. Para o estado de São Paulo, os percentuais de mulheres migrantes solteiras são de 36,6% enquanto as que se declararam casadas são 37,5%. A maior parte das mulheres são filhas de migrantes (36,0%) ou cônjuges (26,7%), ou seja, acompanharam os pais ou o marido em processo migratório. Apenas 6,9% das mulheres são chefes de família.

Esses dados corroboram a pesquisa realizada por Nogueira (2009) em que as entrevistadas apontaram como motivo para a migração acompanhar o marido. Nota-se, com isso, a escassa autonomia da mulher na definição dos fluxos migratórios e mesmo na profissão que exercerá no local de destino, pois, devido à baixa qualificação profissional, acabam exercendo a função produtiva no corte da cana ou como empregada doméstica.

Em entrevista realizada em nossa pesquisa de campo, em janeiro de 2015, pudemos identificar afirmações semelhantes entre as entrevistadas. No relato de Ribeiro (2015) a entrevistada afirma:

Esta é a segunda vez que venho pra Serrana. A primeira vez que vim morar aqui, foi junto com meu marido. Só eu e ele, os meus dois filhos ficaram com minha família em Teresina. Fiquei seis meses e voltei. Depois de dois anos, vim pela segunda vez com os filhos e fiquei por aqui junto com meu marido. Trabalho em Ribeirão de empregada. Vim pro Chavans porque já tinha um primo que morava aqui no bairro.

Mais uma vez, é possível afirmar que a condição do migrante no município de Serrana reafirma os condicionantes dos migrantes no Brasil

como um todo e no estado de São Paulo em particular. Chaves (2005, p. 11) afirma que:

Nos deslocamentos de longa distância o Sudeste apresenta participação significativa de empregadas domésticas, especialmente no Rio de Janeiro, que se inserem de forma quase sistemática em domicílios de chefes não migrantes. Em São Paulo, com mais peso do que essa categoria encontram-se as migrantes solteiras, parentes do chefe, especialmente na condição de irmãs ou cunhadas. [...] Confirma-se então que o emprego doméstico é uma possibilidade importante para as mulheres nordestinas migrarem. Além disso, como o comportamento da migração dessa categoria é semelhante para separadas e solteiras, verifica-se, para essas mulheres que assim se inserem, que a condição de empregada doméstica se sobrepõe a seu estado conjugal.

A análise conduz, portanto, a uma reprodução das relações sociais e de classe, considerando que as funções produtivas e a condição de trabalhadora doméstica se apresentam como condicionalidade da situação da mulher migrante. Embora Chaves (2005) tenha investigado a condição da migração em grandes cidades, ao investigarmos 10 anos depois a condição da mulher migrante em uma pequena cidade do interior paulista, a mesma condição é encontrada. Neste aspecto é possível afirmar que a migração em território nacional, ou seja, as migrações internas se colocam como um dos dilemas contemporâneos das cidades brasileiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a migração no município de Serrana, por meio de questionário aplicado aos moradores do bairro Chavans, percebemos que a maioria dos entrevistados tem origem em uma única cidade do interior de Minas Gerais, Montalvânia, o que permite afirmar que as redes sociais têm um papel significativo na definição do fluxo migratório. Esses migrantes estão inseridos em atividades econômicas que exigem menor qualificação, pois trabalham majoritariamente na agroindústria canavieira ou como empregada doméstica. Isso corrobora as análises feitas por autores que apontam o desempenho econômico, a disponibilidade de empregos e oferta no mercado de trabalho em uma região como decisivos na definição do destino dos fluxos migratórios.

Por outro lado, ao analisar apenas a participação feminina e os motivos da migração, ficou evidente a falta de autonomia das mulheres na opção pela migração e na definição dos destinos do fluxo migratório, pois afirmam ter migrado para acompanhar seus maridos ou buscar trabalho.

REFERÊNCIAS

- CANO, W. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. 2 ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1981.
- CHAVES, M. F. G. Migração feminina: familiar ou autônoma? Observações sobre as mulheres que migram solteiras e separadas. *Anais... XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, ABEP, Caxambu, 2004, p. 1-17. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_713.pdf>. Acesso em: 15 set. 2010.
- FUSCO, W. Redes sociais na migração internacional. O caso de Governador Valadares. *Anais*. 2. Encontro Nacional sobre Migração. Ouro Preto, 1999, p. 317-341. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/2EncNacSobreMigracao/Anais2ENSMigracaoOuroPreto1999p317a341.pdf>>. Acesso em 15 out. 2010.
- GIL, A.C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1991.
- HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do fim dos Territórios à multiteritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HAESBAERT, R. Migração e desterritorialização. In: PÓVOA NETO, H.; FERREIRA, A. P. *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Rio de Janeiro: Revan, 2005, p. 35-46.
- NOGUEIRA, J. B. N. *Migração na cidade de Serra: identificação do perfil do migrante no bairro Chavans*. Editora/instituição. Ribeirão Preto, 2009.
- PACHECO, C. A.; PATARRA, N. Movimentos migratórios nos 80: novos padrões?, *Anais... 1. Encontro nacional sobre migração*. Curitiba, 1997, p. 445-462. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/1EncNacSobreMigracao/AnaisENSMigracaocuritiba1997p445a462.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2010.
- RIBEIRO, M. A.; SILVA, J. K.T. Tendência na redistribuição espacial das migrações brasileiras no período 1991-1996. In: PÓVOA NETO, H.; FERREIRA, A. P. *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Rio de Janeiro: Revan, 2005, p. 411-421.
- SALLES, M. R. R. et al. (Org.). *Imigrantes internacionais no pós-segunda guerra mundial*. Campinas/São Paulo: NEPO/UNIFESP, 2013.
- SANTOS, R. C. B. *Migração no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- THERY, H.; MELLO, N. A. *Atlas do Brasil: disparidades e dinâmicas do território*. 2 ed. São Paulo: Editora da USP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.